



## Construindo uma ontologia das relações patriarcais de gênero no Serviço Social

NOGUEIRA, L. *Relações Patriarcais de Gênero e Serviço Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Lumem Juris. 2018.

**Luciana Azevedo Souza Ferreira\***

Embora a categoria dos assistentes sociais seja formada eminentemente por mulheres, premissa já apontada por Netto e Yamamoto em suas primeiras obras, que são referências clássicas para apreensão dos fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do Serviço Social, a temática que relaciona gênero e capitalismo ganha importante contribuição com a obra do assistente social, docente e pesquisador Leonardo Nogueira, intitulada “Relações Patriarcais de Gênero e Serviço Social no Brasil”. Fruto de dissertação, a obra apresenta um fôlego marcante diante do tempo exíguo determinado para uma pesquisa de mestrado contemporânea, sendo resultado também de investimento na trajetória de um pesquisador forjado desde a graduação a partir da práxis, mediante vinculação com os movimentos sociais<sup>1</sup> e programa de iniciação científica, o que denota o impacto real que se pode alcançar quando o Estado prioriza investimento em educação.

A partir da questão a respeito de como a profissão explorou a temática de gênero, o autor propõe-se a estudar em quatro capítulos o patriarcado, racismo e capitalismo, bem como suas repercussões no Serviço

---

\* Doutoranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGSS/UERJ). Assistente Social da Secretaria Municipal da Criança e Assistência Social (SEMCA-S - São Luís/MA). *Correspondência*: Rua Nossa Senhora da Vitória, Residencial Colinas, Bloco 01, Apto 403, Bairro Turú - São Luís/MA. CEP 65063-380. *E-mail*: <lucyazvdo@yahoo.com.br>. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-3083-4191>>.

<sup>1</sup> Sua participação em cursos sobre “Realidade brasileira” e estágio interdisciplinar de vivências, promovidos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Marcha Mundial das Mulheres, Movimento dos Atingidos por Barragens e, posteriormente, na condição de educando e educador na Escola Nacional Florestan Fernandes gerou a inquietação para realização da presente pesquisa.

Social e o faz com rigor, no qual discute a categoria gênero, apreendendo-a em articulação com a divisão social do trabalho, a fim de demarcar suas determinações particulares, no solo da sociedade capitalista. Ao lançar-se na interpretação materialista ontológica de gênero, o autor percorre de forma aprofundada as perspectivas de análise do feminismo marxista a partir de Saffioti e do feminismo materialista francófono, como veios condutores para a reflexão em torno da divisão sexual do trabalho e do patriarcado, apontando essa perspectiva de análise como possibilidade de articulação da tríade raça, gênero e classe.

É busca articular também com a ideia de “[...] consubstancialidade das relações sociais de ‘raça’/etnia e classe [...]”, presente no Serviço Social brasileiro, sobretudo no tratamento dado por Cisne (2013, 2014), num movimento de sistematização da produção de conhecimento da área no Serviço Social, a fim de evidenciar principais tendências e dilemas, contribuindo com o Grupo de Trabalho e Pesquisa responsável pela temática de gênero, da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Sobretudo, por entender que, sendo e a profissão dos assistentes sociais formada iminentemente por mulheres, carrega traços de subalternidade expressos também nos estereótipos atribuídos. Profissão esta que se tornou uma alternativa de trabalho adequado às qualidades femininas no âmbito da divisão sexual do trabalho, exigida pela sociedade patriarcal, análises para as quais Nogueira articula Netto (2009), Iamamoto (2008) e Cisne (2012) respectivamente.

Já no primeiro capítulo o autor evidencia o debate marxiano sobre a gênese, desenvolvimento e dinâmica da divisão sexual do trabalho na sociedade capitalista, demonstrando a relação dialética entre o capital e o trabalho ao identificar a divisão sexual do trabalho como expressão da divisão social do trabalho, evidenciando o significado peculiar que a divisão sexual do trabalho adquire no modo de produção atual, mesmo sendo anterior ao capitalismo, expressando-se nas relações estabelecidas entre homens e mulheres na produção e reprodução. Tal fundamento será medular para explicitar a premissa que percorre sua obra a da “[...] existência de um fio condutor entre as formas pretéritas de divisão sexual do trabalho e as formas hodiernas de exploração e dominação das mulheres [...]” (NOGUEIRA, 2018, p. 19).

Para tanto, o autor percorre a produção marxiana e marxista desde a “Ideologia Alemã”, passando pela “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, até “O Capital” para evidenciar que, embora com uma abordagem biologizante, à qual demarca a divisão sexual do trabalho na família a partir das características de cada sexo, na obra de Marx já estavam postos os elementos dessa premissa que Nogueira (2018) aponta. Ademais, ressalta a importância da produção feminista na superação da ideia de que a divisão sexual do trabalho se daria pelas características dos sexos e prossegue sua análise até chegar às tendências contemporâneas da

divisão sexual do trabalho, articulando Tabet (2014), Devrux (2011), Kergoat (2009), Souza-Lobo (2011), Harvey (2011), Meszaros (2011), Mandel (1982), Nogueira (2006) e Hirata (2008).

Nogueira (2018) demarca a relação entre o patriarcado e a divisão sexual do trabalho como determinações a fim de entender a conformação das relações sociais. Assim, aborda a contribuição de Saffioti (2004) sobre a articulação entre as categorias “gênero”, ‘raça’/etnia e “classe social”, pelo seu pioneirismo como feminismo marxista e também a contribuição do feminismo materialista francófono, o que desdobra na construção do pensamento sobre a noção de simbiose (novelo) entre patriarcado-racismo-capitalismo e da consubstancialidade das relações de sexo, ‘raça’/etnia e classe fundamentando a discussão sobre a potência da relação entre feminismo e materialismo histórico dialético.

Na sua construção de uma ontologia do gênero, parte de Lukács, para apontar sua premissa de que a subordinação das mulheres adquire um contorno especial com a generalização do trabalho excedente. Nesse sentido o autor evidencia que “[...] a divisão sexual do trabalho pode expressar tanto a base material do que Saffioti caracteriza como patriarcado, quanto a base das relações sociais de sexo do feminismo materialista francófono [...]” (NOGUEIRA, 2018, p. 63). Destaque ainda para a abordagem do heterossexismo articulado às relações patriarcais de gênero, onde o autor vai afirmar que o primeiro atua para organizar as relações sociais prescrevendo os modos de ser homem e mulher, necessários às relações patriarcais de gênero.

No terceiro capítulo Nogueira (2018) faz uma mediação entre as relações patriarcais de gênero e o Serviço Social, demarcando a emergência da profissão inscrita na divisão sociotécnica do trabalho a partir das exigências da dinâmica imperialista, no qual evidencia uma importante constatação a ser apontada no seu trabalho: o fato de que as relações patriarcais de gênero constituem-se elemento a ser incorporado aos estudos que se dedicam à compreensão dos desdobramentos da emergência e institucionalização do Serviço Social. Especialmente porque tanto a profissão da assistente social quanto seu público usuário das políticas sociais nas quais o capital aciona esta profissão, é notadamente formado por mulheres, de modo que “[...] as relações patriarcais de gênero também impactam na conformação da subalternidade da profissão diante daquelas consideradas historicamente masculinas [...]” (NOGUEIRA, 2018, p. 10).

Totaliza o trabalho apresentando os dados da pesquisa, objeto da dissertação, com levantamento sobre os grupos de pesquisa no Serviço Social que se propõe estudar a temática, identifica as principais áreas estudadas, referências teóricas e tendências, problematizando a construção do conhecimento no Serviço Social e destacando seus traços, bem como interlocução com a tradição marxista. Assim, a obra de Nogueira chama-nos a pensar o Serviço Social inscrito na divisão sociotécnica do trabalho com

uma análise mais totalizante, haja vista as particularidades com as quais os assistentes sociais se deparam no exercício profissional, sobretudo no que se refere às tensões e desafios colocados ao projeto profissional crítico do Serviço Social.

Portanto, articula as sínteses que decorrem não somente de sua pesquisa, mas da práxis, a que o autor apresenta também, tendo em vista sua experiência como educando e educador da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) e dos movimentos sociais. Especialmente o entendimento de que o significado do “patriarcado” permanece um gargalo, sendo muitas vezes tratado como ideologia, além de permanecerem ausentes as mediações com as relações patriarcais de gênero, ao se estudar questões como sexualidade e identidade de gênero, além da ausência do debate sobre o heterossexismo. Definindo seu lugar na produção de conhecimento crítico, sem deixar de reconhecer toda a trajetória já trilhada pelo Serviço Social brasileiro, Nogueira finaliza com a imprescindibilidade de o Serviço Social edificar uma relação mais estreita com o movimento feminista classista, deixando e desafio necessário não somente à academia, mas ao profissional que é brindado com uma produção rigorosa, porém de leitura agradável, sobretudo em tempos áridos.

DOI: 10.12957/rep.2019.42547



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.